



O FRACASSO ESCOLAR SOB UM OLHAR DE GÊNERO: COMPREENDENDO TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE MENINAS E MULHERES A PARTIR DE UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

Isabela dos Santos Kröning¹
Márcia Alves da Silva²

Resumo

Esse trabalho visa discutir a necessidade de analisar os fenômenos educacionais, mais especificamente o fracasso escolar, sob uma perspectiva que leve em consideração as desigualdades de gênero. As epistemologias feministas aplicadas à pesquisa em Educação contribuem na construção de novos conhecimentos ao revelar trajetórias, experiências, vozes e situações específicas vividas por determinados sujeitos nos contextos escolares. A pesquisa em fracasso escolar tem muito a ganhar com a adoção de métodos de pesquisa que não excluam a ótica das relações de gênero e que tomem a experiência da mulher como fonte de aprendizagens.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Gênero. Epistemologia feminista.

Introdução

Esse trabalho é parte de uma pesquisa que vem sendo feita como parte do curso de mestrado em Educação – que aborda trajetórias de repetência e evasão de meninas em uma escola pública estadual da cidade de Pelotas/RS. Aqui, pretendo justificar a adoção de epistemologias feministas na pesquisa em Educação (mais especificamente nos estudos sobre fracasso escolar), visto que, levando em consideração o impacto das relações de gênero na escolarização dos indivíduos, a construção do conhecimento passa a ser pautada pelas especificidades das diversas trajetórias, pelas diversidades dos contextos e pela pluralidade de vivências de um mesmo fenômeno (como a repetência ou a evasão escolar).


Sobre o fracasso escolar e gênero

O Brasil pode ter avançado, nos últimos anos, na universalização do acesso ao sistema educacional na educação básica, mas quando se trata da progressão e da permanência de crianças e adolescentes no interior do sistema, o panorama é outro. No país, aproximadamente 2,5 milhões de crianças e adolescentes entre 04 e 17 anos de idade estão fora da escola. As

¹ Mestranda em Educação, Universidade Federal de Pelotas, isabelakroning@gmail.com.

² Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas, profa.marcialves@gmail.com.





taxas de repetência e a evasão persistem, ano a ano, elevadas – em 2015, o percentual de jovens de 16 anos que concluíram o ensino fundamental no Brasil era de 76%, um número que demonstra um crescimento em comparação aos anos anteriores, mas que ainda denuncia a situação precária da educação básica, especialmente nos meios mais pobres³.

A exclusão social e educacional, portanto, não se dá necessariamente na porta de entrada das instituições, através de um acesso dificultado, falta de vagas ou a não realização de matrícula; mas parece acontecer, principalmente com indivíduos de origem pobre que, já inseridos na escola, não têm suas vidas necessariamente transformadas por essa instituição.

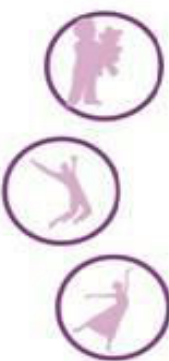
Os estudos de grande porte, como o Censo Escolar e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), esclarecem a situação geral da educação no país através de índices sólidos, como as taxas de matrículas, as taxas de rendimento e taxas de distorção idade-série. Esses levantamentos de dados oficiais possibilitam que vislumbremos a magnitude dos fenômenos – resta-nos, entretanto, descobrir quem são os indivíduos que compõem esses números, índices e taxas.

Sabemos, já com bastante segurança, que não são os estudantes abastados financeiramente que mais apresentam problemas na continuidade de sua escolarização – são as infâncias e adolescências pobres as mais acometidas pelas dificuldades de progressão e, portanto, as que mais experimentam os processos de exclusão escolar. Portanto, o fracasso escolar é um fenômeno fortemente atrelado a uma determinada classe social e que reproduz desigualdades sociais. Para Bourdieu (1998), é a partir da passagem pela escola que alguns estudantes de classes populares viverão muitas vezes a legitimação da desigualdade. O fracasso escolar, sob essa ótica, atua como um mecanismo que legitima e conserva as desigualdades, especialmente se considerarmos que “(...) o sistema de ensino transforma as diferenças iniciais – resultado da transmissão familiar da herança cultural – em desigualdades de destino escolar” (NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 9).

Quando pensamos sobre o fracasso escolar como um todo, a partir dos números que temos acesso sobre repetência e abandono escolar, pouco sabemos sobre os indivíduos – muito menos sobre as diferenças entre eles, principalmente aquelas diferenças que mais usualmente produzem desigualdades e demarcações sociais, tais como classe, raça, etnia, gênero, orientação sexual, etc.

³ Dados coletados pelo IBGE/PNAD e apresentados no Anuário Brasileiro da Educação Básica – 2017, organizado pela ONG Todos pela Educação.





Louro (1997, p. 84) explica que é necessário se atentar às diferenças, pois é nelas que residem as relações de poder – e essa seria uma das proposições fundamentais dos Estudos Feministas. A autora aconselha:

(...) se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 1997, p. 85-86)

Portanto, ao reconhecermos a escola como um ambiente privilegiado para a (re)produção das desigualdades, as diferenças que as alimentam, merecem atenção especial na pesquisa em Educação – e não apenas para mapear quais e de que forma as diferenças pautam a criação das desigualdades, mas para desnaturalizar essas relações:

Talvez também pareça "natural" que algumas crianças possam usufruir de tempo livre, enquanto que outras tenham de trabalhar após o horário escolar; que algumas devam "poupar" enquanto que outras tenham direito a "matar" o tempo. Um longo aprendizado vai, afinal, "colocar cada qual em seu lugar". Mas as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções e é somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a "lógica" que as rege (LOURO, 1997, p. 60-61).


Essa perspectiva nos permite perceber que, muito provavelmente, o mau desempenho, a repetência e a evasão sejam vivenciados de maneiras diferentes por meninas e por meninos. Cabe ainda perguntar: de que forma a escola, a sala de aula e o fracasso escolar contribuem para manter ou renovar as relações e desigualdades de gênero?

Sabemos que a exclusão escolar atinge tanto meninas quanto meninos, mas principalmente aquelas e aqueles de origem pobre – há aí um contorno marcado pela classe social. Sabemos, também, que a evasão escolar e a repetência afetam em maior proporção os rapazes, enquanto as meninas parecem ter, em geral, uma trajetória escolar mais longa que eles – diferenças marcadas pelo gênero. Indo mais fundo nos dados disponíveis, descobrimos que, se os indivíduos de sexo masculino e pobres são os que mais abandonam a escola, a proporção é ainda maior entre os meninos negros.⁴

Nas investigações relativas às trajetórias escolares, desempenho e fracasso escolar, visibilizar as diferenças é importante tanto para o diagnóstico das desigualdades específicas, como para traçar políticas e ações dirigidas para as dificuldades de progressão que talvez

⁴ Dados coletados pelo IBGE/PNAD e apresentados no Anuário Brasileiro da Educação Básica – 2017, organizado pela ONG Todos pela Educação.





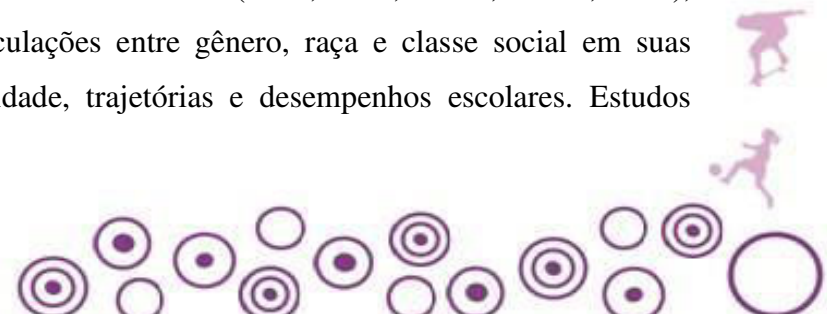
padecessem em desconhecimento ou desatenção. Para compreender, por exemplo, a evasão escolar, é preciso que nos perguntemos: moças e rapazes abandonam a escola pelos mesmos motivos? As suas ocupações pós-evasão serão as mesmas, nos mesmos lugares sociais, em espaços semelhantes? Os conflitos, forças e determinações que perpassam as trajetórias escolares de meninas e meninos pobres são idênticos? Como as representações de gênero moldam seus destinos, suas escolhas, suas desesperanças com a escola? Quais os valores e ideais alimentam os julgamentos de professoras e professores perante o desempenho escolar de meninas e meninos? Quais são os comportamentos e posturas desejáveis para a menina-aluna? E para o menino-aluno?


Se não temos diagnósticos definitivos sobre as dificuldades de progressão e permanência no sistema educacional brasileiro, sabe-se menos ainda sobre as diferentes dificuldades enfrentadas por homens e mulheres em suas carreiras escolares. Felícia Reicher Madeira, em publicação de 1997, apontava duas lacunas importantes nos estudos sobre o fracasso escolar no Brasil: 1) investigações que buscassem compreender os efeitos específicos do fracasso escolar entre as meninas e; 2) investigações sobre o aluno e a aluna ideais e de que forma o gênero hierarquiza e molda as relações entre meninos e meninas dos setores populares no ambiente escolar (MADEIRA, 1997, p. 88).

Avançar nessas questões teria muito a contribuir com os estudos sobre desempenho escolar, fracasso escolar, trajetórias escolares, visto que, ao reconhecer o gênero em seu caráter relacional e significador das relações de poder (SCOTT, 1995) como um dos fatores de produção de diferenças, a pesquisa feminista dá um passo que a ciência hegemônica muitas vezes não ousa. Visibilizar as relações de poder, as relações étnico-raciais, as relações de gênero, as determinações socioeconômicas e os mecanismos e redes de produção, reprodução e legitimação de desigualdades como categorias de análise é uma das características de uma pesquisa engajada. A pesquisa social com viés feminista é um exemplo desses modos alternativos de se fazer ciência e de se construir conhecimentos a partir de um ponto de vista situado, declarado, interessado.

Uma epistemologia feminista para o fracasso escolar

São poucos os estudos que procuram articular desempenho escolar e gênero, destacando-se os trabalhos de Marília Pinto de Carvalho (2001, 2003, 2004a, 2004b, 2012), estudiosa que tem considerado as articulações entre gênero, raça e classe social em suas investigações sobre Educação, escolaridade, trajetórias e desempenhos escolares. Estudos





como os realizados por Carvalho visibilizam as situações específicas em que meninas e meninos estão vivenciando no espaço escolar a partir de suas marcas sociais.

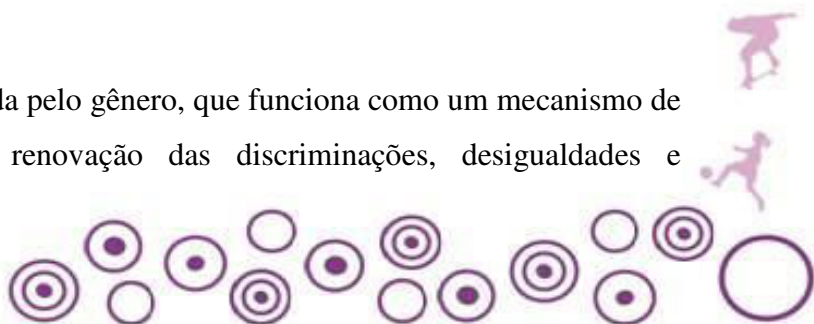
Na tentativa de estudar as especificidades da repetência entre meninas, o emprego de epistemologias feministas colocaria a experiência dessas estudantes como interesse principal da investigação, compreendendo um fenômeno maior (o fracasso escolar) a partir de um determinado ponto de vista – o das alunas.

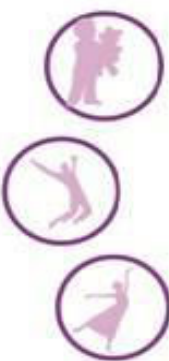
A pesquisa acadêmica em Ciências Humanas e Sociais já tem se beneficiado de abordagens teórico-metodológicas de teor qualitativo que possibilitam conhecer mais de perto as pessoas e como elas vivem os grandes fenômenos a partir de suas particularidades sociais, étnico-raciais, de gênero, etc. Através de estudos de caso, observações-participantes, entrevistas, grupos focais, pesquisas narrativas de história oral, histórias de vida, entre outros métodos, muitos “recortes” tem sido oportunizados, muitas vozes tem sido ouvidas e muitos modos de viver, de sentir e de se perceber no mundo também tem sido trazidos à tona. O diferencial de uma epistemologia feminista, portanto, vai além da escolha de métodos adequados para se fazer pesquisa empírica - envolve, na verdade, assumir o compromisso político de visibilizar as experiências e vivências de meninas e mulheres e, a partir delas, desenvolver “(...) uma epistemologia “alternativa” ao modelo androcêntrico do conhecimento formal” (CASTRO; EGGERT, 2012, p. 232). Louro (1997) diz que construir uma epistemologia feminista “supõe revolucionar o modo consagrado de fazer ciência; aceitar o desconforto de ter certezas provisórias; inscrever no próprio processo de investigação autocrítica constante (...)” (p. 145) e, acima de tudo, significa “(...) a busca de uma nova disposição epistemológica e política, um novo modo de ser pesquisadora/pesquisador” (p. 146).

A epistemologia feminista, se empregada em pesquisas sobre as trajetórias escolares de meninas, tomaria essas experiências como fonte principal de conhecimento, privilegiando “(...) uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, uma experiência que, muitas vezes, está às margens” (CASTRO; EGGERT, 2012, p. 236). Assim, estudos que tomam as mulheres como fonte e como sujeitos do conhecimento, e as relações de gênero como categoria de análise, contribuiriam para o estado da arte das pesquisas sobre educação e sobre fracasso escolar.

Considerações finais

A escola é profundamente marcada pelo gênero, que funciona como um mecanismo de distinção entre os indivíduos e de renovação das discriminações, desigualdades e





diferenciações entre os corpos e mentes (LOURO, 1997, p. 62). Podemos nos perguntar, portanto, de que forma as diferenças nas trajetórias escolares de meninas e meninos estão marcadas pelas relações de gênero. Sobre as trajetórias escolares específicas das meninas, muitas são as perguntas. Entre elas, cabe ainda investigar as especificidades de suas repetências, de suas evasões e de que forma o gênero e a forma como ele é vivido determina, dialoga, reproduz ou resiste à construção de suas experiências com e na escola. Esse é um grande desafio que ainda precisa ser melhor e mais assumido pela teoria feminista na contemporaneidade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). Pierre Bourdieu: **Escritos de educação**. 9ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos feministas**, 2/2001.

_____. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 185-193, jan./jun. 2003.

_____. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu** (22) 2004: pp.247-290.

_____. Quem são os meninos que fracassam na escola?. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: vol. 34, n.121, jan./abr. 2004.

_____. Teses e dissertações sobre gênero e desempenho escolar no Brasil (1993 – 2007): um estado da arte. **Pro-Posições**, v. 23, p. 220-244, 2012

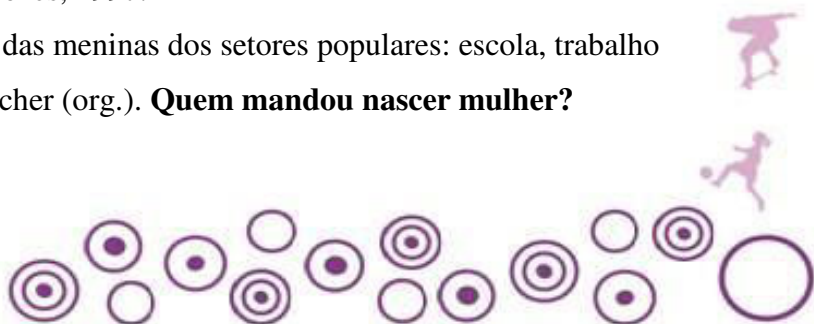
CASTRO, Amanda Motta Angelo; EGGERT, Edla. Alguns apontamentos sobre a epistemologia feminista. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 25, n. 02, julho/dezembro 2012, p.231-238.

INEP. Indicadores Educacionais 2017. Disponível em:

<<http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 1997.

MADEIRA, Felícia Reicher. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou...reclusão. In: MADEIRA, Felícia Reicher (org.). **Quem mandou nascer mulher?**





Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro : Record/Rosa dos Ventos, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). **Pierre Bourdieu: Escritos de educação.** 9ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** 20(2):71-99. Jul/dez. 1995.

TODOS PELA EDUCAÇÃO/EDITORA MODERNA. **Anuário Brasileiro da Educação Básica – 2017.** Disponível em: <

https://www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/anuario_brasileiro_da_educacao_basica_2017_com_marcadores.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

